

AGUSTÍN FERNÁNDEZ MALLO

# Nocilla dream

*Tradução*

Joana Angélica d'Avila Melo



Copyright © 2006 by Agustín Fernández Mallo

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Esta tradução foi publicada mediante acordo com a Literarische Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e K., Frankfurt am Main, Alemanha.*

*Título original*

Nocilla dream

*Capa*

Milena Galli

*Imagem de capa*

Nocilla Dream, óleo sobre foam board de Milena Galli, 24 x 33 cm.

*Preparação*

Rita Mattar

*Revisão*

Luciane Helena Gomide

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fernández Mallo, Agustín

Nocilla dream / Agustín Fernández Mallo; tradução Joana  
Angélica d'Ávila Melo. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Le-  
tras, 2013.

Título original: Nocilla dream.

ISBN 978-85-359-2235-6

1. Ficção espanhola I. Título

13-01858

CDD-863

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura espanhola 863

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Podemos definir os computadores como máquinas de triturar números. Podemos pedir-lhes que nos deem a posição exata de um satélite daqui a cem anos, ou que prognostiquem as subidas e descidas da Bolsa pelo período de um mês. Eles nos darão a informação em poucos segundos. Mas tarefas que não revestem complexidade para os seres humanos, como reconhecer rostos ou ler textos escritos à mão, mostram-se muito difíceis de programar e de fato ainda não estão satisfatoriamente resolvidas. Já nossa rede de neurônios cerebrais parece conter os mecanismos necessários para realizar essas operações. Daí o interesse em criar computadores inspirados no cérebro humano.

B. Jack Copeland & Diane Proudfoot

De fato, tecnicamente seu nome é US50. Fica no estado de Nevada e é a estrada mais solitária dos Estados Unidos. Une as localidades de Carson City e Ely, atravessando um deserto semi-montanhoso. Uma estrada na qual, convém insistir, não há nada. Exatamente nada. São 418 quilômetros com dois bordéis em cada extremo. Conceitualmente falando, em todo o trajeto só uma coisa lembra vagamente a presença humana: as centenas de pares de sapatos que pendem dos ramos do único álamo que cresce ali, o único que encontrou água. Falconetti, um ex-boxeador que vinha de San Francisco, propôs-se a percorrê-la a pé. Havia abastecido a mochila verde do exército com muita água e uma toalha de mesa para estender sobre as valetas na hora de comer. Entrou numa loja de alimentos de Carson City, um supermercado com cinco gôndolas, curtas, ridículas, Um cotoco, se essas cinco gôndolas fossem cinco dedos, pensou. Comprou pão, uma grande quantidade de pacotes de carne bovina liofilizada e biscoitos de manteiga. Começou a caminhar até deixar para trás os arredores da cidade e entrever ao fundo o recorte do

planalto. O asfalto, carnosos, afundava sob os 37°C do meio-dia. Passou direto em frente ao Honey Route, último bordel antes do início do deserto, e Samantha, uma morena tingida que fazia as unhas dos pés à sombra da varanda, saudou-o da mesma maneira como sempre havia saudado carros, pedestres e caminhões, sem outro propósito que não o de desejar boa sorte, mas dessa vez acrescentou, Se você encontrar um cara num Ford Scorpio Vermelho que viaja sozinho para Nova York, diga para ele voltar! Falconetti apertou play no walkman e fingiu que não a ouvia. Instintivamente, acelerou o passo e afundou ainda mais o pé nos 37°C do asfalto. Fazia quase um mês que havia saído de San Francisco, dispensado do exército. Ali, no exército, tinha lido a história de Cristóvão Colombo, e, tendo ficado fascinado pela ousadia dele, propôs-se a fazer o mesmo, mas em sentido contrário: ir de oeste para leste. Nunca havia saído de San Francisco.

Desde a primeira vez que o viu, convenceu-se de que aquilo não podia ser nada de bom, mas tampouco mau. Estranho. Era um sapato, um sapato jogado no meio do asfalto. Nem 2, nem 4, nem 8, nem nenhum outro número par, mas o número ímpar por excelência: 1. Billy The Kid fazia com seu pai, escalador profissional, o trajeto Sacramento-Boulder City, e estava acostumado a ir amarrado na parte de trás da van entre cordas de onze milímetros, arneses Petzl e abundantes mosquetões. O pai, simplesmente Billy, improvisava um arnês para o filho e prendia-o com dois mosquetões em ambos os lados da cintura a fim de que nas curvas ele não batesse de um lado e outro. Billy The Kid ia feliz. Naquele dia haviam saído cedo para chegar a tempo à III Competição de Escalada Esportiva de Boulder City, da qual o pai participava. Fizeram o desjejum no primeiro posto que encontraram. Tomaram o clássico café com torradas de azeitão fritas em cerveja e geleia, e Billy The Kid, enquanto mexia o descafeinado que ainda restava no fundo da xícara, lembrou-se da mãe, poucas horas antes, quando, na entrada do condomínio,

tomada por uma beleza que ao filho pareceu definitiva, apertou a cabeça dele contra o peito, antes de lhe dar um beijo. Como a cada domingo, Dirija com cuidado, havia dito ao pai depois de também beijá-lo. Billy cochilava na parte traseira da van quando despertou e o viu ao longe, quieto no asfalto como um coelho perdido da ninhada, paralisado por uma incerteza que é ímã para a solidão, um sapato de salto, marrom, talvez por causa da terra do deserto, ou talvez porque realmente fosse marrom. Nem 2, nem 4, nem 6, nem 8, nem nenhum outro número par.

Pensou que o amor, como as árvores, precisa de cuidados. Não entendia então por quê, quanto mais forte e robusto ficava o álamo que ele tinha em seus 70,5 acres ficava, mais vinha abaixo seu casamento.



É lógico, num bordel há moças de todos os tipos, e ainda mais aqui, no deserto de Nevada, cuja monotonia, a mais árida do Meio-Oeste americano, tem de ser aliviada com determinados exotismos. Estão maquiando Sherry no *backstage* improvisado na parte de trás, junto ao antigo poço agora seco. Ela não confia no grande espelho emoldurado com lâmpadas que lhe deram e, como quando algum cliente chega de surpresa, recorre ao retrovisor de um Mustang já quase transformado em sucata. O sol e a neve foram comendo o carro desde que ali foi deixado por um homem que ela nunca voltou a ver. Chamava-se Pat, Pat Garret. Chegou numa tarde de novembro, com a última temperatura moderada, pediu uma moça, a mais jovem, e Sherry se apresentou. Pat tinha um hobby: colecionar fotografias achadas; qualquer uma servia, desde que mostrasse figuras humanas e fosse achada; viajava com uma pasta cheia. Estirados os dois na cama, ele lhe contou, enquanto olhava um ponto fixo na parede, que depois de ter trabalhado num banco em L. A., havia recebido uma herança inesperada, de modo que largou o emprego.

Seu apego às fotografias vinha do banco, pelo fato de ver tanta gente; sempre imaginava como seria o rosto, o corpo dessas pessoas em outro contexto, para além do guichê, que também era como a moldura de uma fotografia. Mas, depois de receber a herança, seu outro vício, o jogo, havia levado o homem a perdê-la quase totalmente. Agora se dirigia ao Leste, a Nova York, em busca de mais fotografias, Aqui, no Oeste, sempre andamos às voltas com as paisagens, disse, Mas lá tudo são retratos. Sherry não soube o que dizer. Pat abriu a pasta e foi lhe dando as fotos. Ao desembalar um dos maços, Sherry encontrou o inequívoco rosto de sua mãe. Sorria agarrada a um homem que, entendeu, era o pai que nunca chegara a conhecer. Caiu sobre o peito de Pat e abraçou-o com força. A partir daí, ele ficou muitos dias mais, Sherry já não lhe cobrava, preparava-lhe a comida e os dois não saíam do quarto. Na noite em que Pat foi embora, o Mustang não pegou, mas ele conseguiu parar um caminhão que ia para o Kansas. De manhã, depois de descartar a hipótese de que ele houvesse caído no poço ou ido a Ely comprar cigarro, ela se pôs a esperá-lo até o anoitecer, com a vista fixa no último ponto divisível da US50. Quando não aguentou mais, começou a chorar, sentada no capô do Mustang. Retoca os lábios no retrovisor e a maquiadora avisa, Entramos no ar em um minuto! Nevada TV faz o especial *Prostituição na Estrada*. Aproximam o microfone e perguntam, De que você se sente mais orgulhosa, Sherry? O amor é um trabalho difícil, responde, amar é a coisa mais difícil que já fiz em toda a minha vida.

No momento em que sopra o vento do sul, aquele que chega do Arizona e percorre os diferentes desertos semi-habitados e a dúzia e meia de povoados que com os anos se viram sujeitos a um êxodo incontrolável até se rebaixarem a pouco mais do que aldeias-esqueleto, nesse momento, justo nesse momento, as centenas de pares de sapatos que pendem do álamo se submetem a um movimento pendular, mas nem todos com a mesma frequência, já que os cadarços pelos quais estão presos aos ramos são de comprimentos muito diferentes. Na verdade, visto a certa distância, é um baile caótico no qual, apesar de tudo, se intuem certas regras. Dão-se fortes golpes uns contra os outros, e de súbito mudam de velocidade ou trajetória para finalmente retornar aos pontos atratores, ao equilíbrio. O mais parecido com um maremoto de sapatos. Esse álamo americano que encontrou água fica a uns duzentos quilômetros de Carson City e a 218 de Ely; vale a pena chegar até ele só para vê-los parados e à espera do movimento. Sapatos de salto, italianos, chilenos, tênis de todas as marcas e cores (inclusive um par de míticos Adidas Surf),

nadadeiras, botas de esqui, botinhas de criança ou botinas de verniz. Qualquer viajante pode pegar ou deixar o que quiser. Para os habitantes das cercanias da US50, o álamo é a prova de que até no lugar mais remoto do mundo existe vida além, não da morte, que já não importa a ninguém, mas do corpo, e de que os objetos, passados adiante, servem por si mesmos para algo mais do que aquilo para que foram criados. Bob, o dono de um pequeno supermercado de Carson City, se detém a uns cinquenta metros. Do mais próximo ao mais distante, enumera o que vê: primeiro a planície muito vermelha, depois a árvore com sua acanhada sombra, adiante outra planície menos vermelha, descolorida pela poeira, e no fim o recorte das montanhas, que lhe parecem não ter profundidade, planas, como uma daquelas pinturas laqueadas de paisagens chinesas que havia no restaurante Pequim-Duck, agora fechado, em frente à Western Union, pensa. Mas sobretudo, ao ver essa superposição de franjas de cores, a imagem que lhe vem à mente com mais nitidez são os estratos de cores diferentes formados pelos produtos empilhados em camadas horizontais nas prateleiras de seu supermercado. À meia altura há um lote de sacos de batatas fritas ao bacon que trazem como brinde, amarradas com cuidado, umas latas circulares de biscoitos amanteigados dinamarqueses; em cada uma das tampas vê-se o desenho de um abeto com bolas de Natal penduradas; ele não sabe bem. As duas árvores estão começando a se curvar.

Um dos maiores problemas que os hotéis enfrentam é o furto de pequenos objetos. Calcula-se que as grandes cadeias hoteleiras percam por ano mais de meio milhão de toalhas, perda que já dão por assumida, assim como esferográficas, cinzeiros, xampu, kits de costura, escovas de dente e todo tipo de artigos de banho. Mas também desaparecem jogos de louças e de talheres quase completos, maçanetas, toalheiros, espelhos, jogos de cama, luminárias com design, arranjos de flores transformados em um bom presente de última hora, plantas com os respectivos vasos, tapetes e telefones fixos. Em contraposição, os clientes esquecem relógios, papagaios que falam vários idiomas, urnas com as cinzas de um ente querido, brincos, colares, lingerie de alta qualidade, braços ortopédicos, lentes de contato, bonecas infláveis, livros de todo tipo, brinquedos adultos diversos, informes dos serviços secretos de vários países e até crocodilos vivos dentro de malas de couro de crocodilo. A cadeia de hotéis Houses Of America, depois de declarar anistia a todos que em seus 62 anos de existência foram embora com algum objeto na mala, decidiu

tentar recuperar seus pertences de forma pacífica, e para isso criou o primeiro Museu de Objetos Achados, com sede em Los Angeles e em Chicago, embora o catálogo também se encontre na internet. Lá estão permanentemente expostos todos os objetos que os clientes foram esquecendo; assim, aqueles que tiverem alguma peça furtada do hotel em sua casa poderão escolher a peça que lhe agrada no catálogo e permutar uma pela outra. Mas, *e o sol foi-se pondo na recepção do hotel. Até que a penumbra [sintética repetição da noite só acessível a fenômenos interiores] soldou ao vazio do vestibulo os corpos dos que entravam e saíam. Pegou o mensageiro com a mão estendida. Obteve a morte. Do romance.*